

Tem cuidado com o que desejas.



AQUÍ Y ALLÍ FILMS apresenta

JOSÉ SACRISTÁN    BÁRBARA LENNIE    LUIS BERMEJO

# RAPARIGA MÁGICA

MAGICAL GIRL

Um filme de CARLOS VERMUT



## SINOPSE

Alicia é uma criança doente que sonha em usar o vestido da sua série japonesa preferida, RAPARIGA MÁGICA Yukiko. Luis, o seu pai, tentará fazer tudo ao seu alcance para conseguir isso. Mas o seu destino cruza-se com Barbara, uma jovem mulher atraente com doenças mentais e com Damian, um professor retirado de tudo, menos do seu passado problemático. Luis, Barbara e Damian serão encurralados num mundo de chantagem, onde o instinto e a razão irão defrontar-se numa batalha trágica, mudando as suas vidas para sempre.

---

## SOBRE O FILME

### CONFLITO DRAMÁTICO

Comecei a imaginar a história que acabou por se tornar o cenário de RAPARIGA MÁGICA pouco depois da visualização do meu primeiro filme, DIAMOND FLASH, no Festival de Sitgès. Eu sabia então que queria fazer um filme com uma declaração simples, reviravoltas acentuadas e uma sobreposição de camadas complexa. Da mesma forma, queria que o enredo não representasse um obstáculo assim que o espetador abordasse o filme, mas em vez disso, eu queria que ele transmitisse uma sensação de complexidade. Este sentimento, esta separação entre forma e conteúdo, consegui-a através do tratamento do enredo com a mais pura simplicidade e das personagens com grande complexidade. Desta forma, o enredo e as personagens crescem juntas, não em separado. O enredo é como é, porque as personagens tomam as decisões que tomam e assim evoluem, porque o enredo lhes impõe esse ritmo.

É muito comum, no género do cinema moderno, que o enredo funcione de forma independente das personagens, que estão confinadas a um papel de meras marionetas, condenadas a materializar as ideias do argumentista. Se a ideia for a de um homicida que usa os poderes mentais e viaja de um corpo para outro para cometer os seus crimes, usaremos a reviravolta final. Aí as personagens servirão de instrumentos para atingir a transmissão desta ideia, até à reviravolta final.

Em RAPARIGA MÁGICA, como é o caso dos recentes filmes coreanos, as personagens e o enredo são inseparáveis. Um homem encurralado pelo seu passado num quarto misterioso (OLDBOY – VELHO AMIGO), uma mãe que lidera a investigação sobre a acusação suspeita de homicídio que paira sobre o seu filho incapacitado (MOTHER – UMA FORÇA ÚNICA), uma família que se une para combater um monstro que emerge do rio (THE HOST – A CRIATURA)... Neste três casos, são usados códigos do cinema de género para suscitar interesse pelas personagens e estas são usadas para evocar vingança, amor incondicional ou o tema da família. Este método permitiu ao cinema coreano tornar-se um dos mais avançados no mundo, triunfando nos mais prestigiados festivais internacionais, enquanto consegue várias admissões respeitáveis.

Em RAPARIGA MÁGICA, uma corrente de chantagem, elemento do cinema noir, é usada para falar de amor, desejo, obsessão e da relação do ser humano com o seu lado mais obscuro: o eterno conflito da alma humana a combater os seus inimigos.

---

## TRATAMENTO VISUAL

Da mesma forma que há negociações entre o enredo e as personagens a nível dialético, deve ser atingida uma harmonia entre a realidade e a ficção, a nível visual. De facto, isso consistiria em evitar a estética excessivamente artificial, dando ênfase à beleza que nos rodeia, para que nos foquemos nela. Na verdade, consiste em olhar à nossa volta, em busca do aspeto mais cinemático, para encontrar uma estética pessoal e evitar fugir, em particular, àquilo que é puro.

O contraste entre o mundo da manga e anime, colorido, barroco, doce e inocente, devia criar um interessante antagonismo com os bares do bairro, os presuntos pendurados na parede, as garrafas de whisky meias vazias e as casas suburbanas. Porque todos os dias no mundo, todas estas coisas evoluem no mesmo universo. E o interessante é ver como isso corre.

No cinema de realizadores como Alex de la Iglesia, Pedro Almodovar e os irmãos Coen, vemos que todos jogam com estes princípios, combinando os elementos mais característicos da sua cultura de forma a transformarem o quotidiano em algo exótico.

---

## MOTIVAÇÕES

Há uma cena em RAPARIGA MÁGICA, na qual a personagem de Oliver explica porque é que em Espanha a tourada ainda é muito bem aceite pela população. Espanha é um país que ainda não resolveu o seu conflito interior entre o emocional e o racional e é daí que vem esse fascínio com a representação da luta entre o instinto e a razão, que decorre nas arenas.

RAPARIGA MÁGICA nasceu da obsessão por essa luta, que num grau maior ou menor, está latente em todos os seres humanos, fazendo de nós seres em eterno conflito.

De alguma forma, eu queria usar os meios oferecidos pela narração cinematográfica para abordar este tema. O cinema é um meio, um instrumento para falar de tudo o que dá significado à arte: o ser humano.





## **SOBRE CARLOS VERMUT**

Carlos Vermut estudou ilustração na Escuela de Arte Numero Diez em Madrid e deu os seus primeiros passos como ilustrador para o Jornal El Mundo. Depois de vencer o Injuve Price of Comics em 2006, publicou a sua primeira BD a solo, *El Banyàn rojo*, que recebeu quatro nomeações na convenção internacional de BD de Barcelona.

Nos anos seguintes, ele terminou *Psicosoda*, uma coletânea de contos e *Plutón BRB Nero*, la venganza de Maripili, uma BD baseada na série de TV homónima de autoria de Alex de la Iglesia.

Em 2008, trabalhou como autor da série de TV *Jelly Jamm* para a TVE. No ano seguinte, venceu a sétima edição do notodofilmfest, com a sua curta-metragem *MAQUETAS*, que recebeu críticas muito positivas. No mesmo ano, ele realizou a sua segunda curta-metragem: *MICHIRONES*.

Depois em 2010, começou a escrever o guião da sua primeira longa-metragem, *DIAMOND FLASH*. Depois de enviar o guião a vários produtores sem obter qualquer resposta, ele fundou a sua própria produtora em 2011, a *Psicosoda Films*, e começou a produzir *DIAMOND FLASH* como independente. O filme foi financiado com o lucro que Carlos Vermut gerou com os direitos de exibição da série *Jelly Jamm*. Foi distribuído diretamente na Internet, na plataforma de cinema Filmin. No dia da sua distribuição, tornou-se um tópico badalado em Espanha e foi o filme mais visto deste portal de cinema online durante duas semanas. *DIAMOND FLASH* foi aclamado pela crítica e foi considerado pela revista de cinema *Caimàn* como o Melhor Filme Espanhol de 2012.

Em 2012, ele escreveu e realizou a curta-metragem de humor negro *DON PEPE POPI*, e publicou *Cosmic Dragon*, uma homenagem cômica e uma reinterpretação das séries japonesas *Dragon Ball*, de que Vermut disse ser grande fã.



## PEDRO ALMODOVAR FALA SOBRE O FILME

Tive esta mesma sensação anteriormente com Víctor Erice e Iván Zulueta e agora novamente com Carlos Vermut e o seu **RAPARIGA MÁGICA**. Todos eles fizeram segundos filmes (**EL SUR** para Erice e **ARREBATO** para Zulueta) que são verdadeiras obras-primas. São filmes que se tornaram cada vez melhores ao longo dos anos, no caso dos dois primeiros e ao longo das horas e dias no caso do de Carlos Vermut. Muito se poderia dizer de **RAPARIGA MÁGICA** e esta é apenas uma breve nota. Antes de mais, parabéns pelos dois prémios bem merecidos conquistados em San Sebastian. Vermut domina completamente a invulgar arte da elipse (personagens e enredos evoluem juntos, resultando numa narrativa plena de reviravoltas, que dá a impressão de ser uma história linear, quando na verdade, é precisamente o oposto). Ele é excelente a dirigir atores e todos eles são notáveis, com menção especial para Bàrbara Lennie. Enquanto argumentista, Vermut surpreende a cada cena, com reviravoltas profundas e inesperadas. Na última parte, ele faz-nos pensar que já não consegue tirar mais coelhos da cartola. De facto, a vinte minutos do fim do filme, senti que a história estava a chegar a um beco sem saída, pois parecia impossível competir com o que já se tinha passado. E contudo, ele consegue isso de forma brilhante. Consegue voltar a surpreender e até concluir, que é o mais difícil. Refiro-me ao último fragmento da narrativa, irradiado por Pepe Sacristán. O terceiro ato representado pelo ator espanhol é também o melhor da sua carreira. Espero sinceramente que o público faça justiça a **RAPARIGA MÁGICA**, que para mim é a grande revelação do cinema espanhol do início deste século. Não verão muita publicidade a ele na TV, porque não há orçamento para promover esta pérola, que estreará no mesmo dia que **RELATOS SELVAGENS**. Mas recomendo vivamente ambos.

---

## REVISTA DE IMPRENSA

### ‘RAPARIGA MÁGICA’: Crítica de Toronto **The Hollywood Reporter - Jonathan Holland**

Uma fábula moral obscuramente intrigante, magistralmente composta e elegantemente austera.

O filme de estreia de Carlos Vermut, **DIAMOND FLASH**, tornou-se um filme de culto em Espanha, desde a sua estreia em 2011. A ele segue-se agora **RAPARIGA MÁGICA**, um filme igualmente distinto e com um humor negro e peculiar, que dá a ideia de estar totalmente seguro. Uma crítica social negra, parca, austera e rigorosamente contemporânea construída sobre alicerces emocionalmente ricos, este é um estudo enganadoramente simples da perigosa interação entre o dinheiro e a emoção, que parece ser autenticamente independente, com o ângulo de lado da visão do realizador a tirar continuamente o espetador da sua zona de conforto. De ritmo lento, mas inteiramente acessível, atmosféricamente rico, mas contido, **RAPARIGA MÁGICA** merece poder tecer a sua magia nos cinemas independentes.

A cena inicial estabelece a atmosfera calmamente tensa, que define o tom do filme, quando o professor Damian (interpretado de forma obscura pelo veterano de voz melosa Jose Sacristán) pede à jovem Barbara (Barbara Anduix) para entregar um bilhete que depois desaparece misteriosamente da mão dela. Ela é a primeira rapariga mágica do filme (‘rapariga mágica’ é um género de anime do qual Vermut é fã). A segunda é Alicia, de 12 anos (Lucia Pollan), que está a morrer de leucemia e que sonha em possuir um vestido de “rapariga mágica”, em tempos usado pela cantora japonesa Megumi.

O vestido é extremamente caro, mas o pai de Alicia, Luis (Luis Bermejo), um professor desempregado, decide comprar-lho a qualquer custo. Enquanto está alheado em frente à montra duma ourivesaria, de tijolo na mão, é atingido por vomitado que cai duma varanda de cima, de onde a Barbara mais velha (Barbara Lennie), agora dedicada ao masoquismo, acabou de vomitar, após ser abandonada pelo seu companheiro controlador, o psiquiatra Alfredo (Israel Elejalde) e depois de ter batido com a cabeça no espelho.

A perturbada e emocionalmente distante Barbara convida Luis para entrar, fazem sexo e Luis vê a oportunidade perfeita para conseguir algum dinheiro para o vestido de Alicia, chantageando Barbara. Num dos poucos momentos autenticamente espirituosos que se destacam, Luis diz a Barbara para deixar o dinheiro numa cópia da Constituição Espanhola na biblioteca, pois é o único livro que nunca ninguém requisitará.

Este é um mundo pequeno, obscuro e pacato, à margem de onde toda a gente, tal como nos filmes iniciais de David Lynch ou Todd Solondz, é de certa forma disfuncional e um pouco estranha, mas ao mesmo tempo, inteiramente reconhecível. Luis, por exemplo, nem sequer pensa em dizer a Barbara as razões pelas quais ele quer o dinheiro, e as consequências de não o fazer, acabam por ser horrendas para todos os implicados.

Por detrás do aspeto original de **RAPARIGA MÁGICA**, e por baixo dos seus silêncios prolongados e trémulos, passa-se muita coisa em termos de sátira e crítica. O suposto psiquiatra que controla a companheira com comprimidos, a confissão sincera de Barbara de que vê TV porque gosta de ver pessoas que são mais infelizes do que ela (o que no seu caso, é bastante difícil de superar) e o facto de uma amiga de Barbara ver a sua cicatriz como meramente decorativa, tudo isso resulta numa visão distinta de uma sociedade disfuncional, cujo aspeto mais flagrante é o fosso cada vez maior entre ricos e pobres. A crise financeira espanhola, que arruinou irreparavelmente muitas vidas, nunca está muito longe e de certa forma, até



serve para impelir o enredo para a frente.

Apesar do macabro foco no lado mais negro do amor, as cenas iniciais mostram que Vermut é capaz de também mostrar o lado mais meigo do ser humano. Numa cena inicial, Alicia pede a Luis um cigarro e depois um gin tónico. E o pai dá-lhos, sabendo que se ela não experimentar isso agora, nunca terá oportunidade de experimentar. É típico deste filme chocar-nos brevemente antes de sentirmos o impacto emocional subjacente.

Mas Vermut parece mais interessado no sórdido que no belo. Demasiado tempo é dedicado às viagens de Barbara a uma mansão, onde um homem muito rico, mas também muito mau, Oliver Zoco (Miguel Insua) paga muito dinheiro para fazer coisas inenarráveis às mulheres. Quando ele não está a fazer isso, está a fazer discursos de suma importância para si, acerca da racionalidade contra o instinto na mentalidade espanhola, que supostamente têm como objetivo ser a chave para o propósito mais profundo do filme (...)

A falta de expressividade de Lennie no papel de Barbara é enganadora, uma máscara para a confusão que reina no seu interior, à medida que a superfície calma e imperturbável do filme mascara o turbilhão efervescente mais profundo. Bermejo, entretanto, criou um Luis devastadoramente sabujo, uma figura que está destinada à infelicidade em todas as etapas.

O diretor de fotografia Santiago Racaj é mais conhecido pelo seu trabalho com o autor espanhol Javier Rebollo, e aqui emprega um uso do espaço similarmente desconcertante, em grande parte focado em interiores pálidos e bem enquadrados. (O contraste entre a austeridade empobrecida do apartamento de Luis e a austeridade de decorador do de Barbara está muito bem feita.) (...)

Uma comédia negra elaboradamente constrita e dependente da imaginação, que opera através da prestidigitação

**Variety**

---

O confiante e impressionantemente talentoso filme, RAPARIGA MÁGICA, do jovem realizador espanhol Carlos Vermut, é uma obra cinematográfica deslumbrante, envolvente e muito discreta. Pode-se nadar muito nas profundezas negras de RAPARIGA MÁGICA, e o filme deleita-nos por ficar tantas vezes fora do nosso alcance.

**Screen Daily**

---

O conto de Carlos Vermut sobre o simples desejo duma jovem torna-se numa teia de intrigas magistralmente elaborada, com um trio de representações centrais seguras e dinâmicas.

**Indiewire**

---

Espanha | 2014 | Cor | 127 min.

Distribuído por Alambique | Informações em [www.alambique.pt](http://www.alambique.pt)